

## **41. Todos estavam tristes, recolhidos e doentes**

Elen Vidal de Figueiredo

Eu sou Elen Vidal, indígena Karipuna, moro na Aldeia Kunanã. Na minha aldeia, provavelmente, as pessoas adquiriram o novo coronavírus no final do mês de maio, e os seus sintomas começaram a se manifestar de maneira mais forte durante todo esse mês de junho. Foi uma situação que nunca tínhamos vivenciado, todos da aldeia adoecerem ao mesmo tempo, com febre, inflamação na garganta, perda do paladar, perda do olfato, dores no corpo e até mesmo com confusão mental, algo que não tínhamos conhecimento que poderia acontecer. Tudo isso deixou a aldeia apreensiva pois, apesar de estarmos sentindo os sintomas, não acreditávamos que fosse a COVID-19, já que na aldeia não tinha teste rápido, remédios e nem profissionais de saúde para nos orientar sobre o que fazer e que medicamentos eram necessários para combater essa enfermidade.

Eu, junto com a minha mãe, meu tio e sua esposa, fomos os primeiros a adoecer com os sintomas mais graves, e também fomos os únicos a fazer o exame, que testou positivo para COVID-19. As outras pessoas doentes da minha aldeia não fizeram o teste porque os representantes do Estado e da CASAI (Casa de Saúde Indígena) afirmaram que não tinham mais testes disponíveis para atender a todos que estavam apresentando os sintomas ao mesmo tempo. Ficaram de voltar para realizar novos testes, coisa que nunca aconteceu!

Quero esclarecer que, na nossa aldeia, durante todo esse período que as pessoas foram adoecendo, não tinha ninguém na enfermaria, nenhum profissional de saúde para nos orientar. Ficamos duas semanas sem saber o que fazer, só tomando remédio caseiro e remédio para febre, mas não obtivemos melhoras... Meu tio, Manoel Biratã, um senhor de idade, e minha tia, dona Maria, foram piorando... ao ponto de eles terem que ser levados para Macapá. Meu tio está entubado, respirando com a ajuda de aparelhos. Minha tia também foi levada para Macapá devido ao seu frágil estado de saúde, que a impedia de respirar normalmente.

No decorrer desse período vivenciei algo na minha aldeia que nunca tinha visto antes, parecia que não havia ninguém na aldeia, nas casas... também não se escutava muito barulho, como de costume, pois todos estavam tristes, recolhidos e doentes, muitos não

tinham nem forças para levantar da cama ou da rede. Pararam todas as atividades, inclusive as reuniões, os mutirões de limpeza e os trabalhos de roça. Tudo parou de uma vez só! Sofremos muito, sozinhos, até a agente indígena de saúde da aldeia adoeceu!

Somente semana passada, no dia 22 do mês de junho, é que foi uma equipe de enfermeiros até a aldeia para iniciar o tratamento contra a COVID-19. No entanto, essa equipe não tinha medicamentos suficientes para atender as duas aldeias localizadas na Terra Indígena Juminã. Tivemos que contar com nossos parceiros no Rio de Janeiro, a igreja Vila Valqueira, que nos enviou medicamentos para o tratamento da COVID-19. Foram esses remédios que atenderam a minha Aldeia Kunanã e a aldeia vizinha, Uahá.

Aldeia Kunanã, Oiapoque, Amapá, Brasil

30 de junho de 2020